

O “POEMA” E O “ACTO”, Herberto Helder em Santarém

A Herberto Helder (n.30 novembro de 1930; m. 23 março 2015)

Em Santarém, uma terra onde "não havia literatura", segundo afirmou na carta que escreveu a 5 de junho de 1962, a Sophia de Mello Breyner Andresen, Herberto Helder desenvolveu afinal o seu gosto pela literatura. Assim, apesar da crítica à cidade, aqui encontrou um importante conjunto de pessoas e de ligações a Lisboa e ao meio intelectual. Nas tertúlias musicais e literárias realizadas em casa de Joel Canhão (maestro do Orfeão Scalabitano, do Coro Alfredo Keil, do Coral Infantil Scalabitano e responsável pela Educação Musical para Crianças, desenvolvido a partir de 1961, segundo o método de Edgar Williems, no Círculo Cultural Scalabitano, cujo patrocínio da fundação Gulbenkian permitiu a aprendizagem gratuita da música aos filhos dos sócios), encontravam-se também Herberto Helder, Luiz Pacheco, Ruy Belo e António José Forte, nomes que se afirmaram em Portugal e vieram a desempenhar um papel essencial na literatura portuguesa do século XX. Regressado da Europa em 1960, Herberto Helder torna-se encarregado das Bibliotecas Itinerantes da Fundação Gulbenkian e, por isso, esteve em Santarém entre 1961 e 1963, data em que entrou na Emissora Nacional. Em Santarém, Herberto Helder escreveu e publicou o livro de poesia *Poemacto** (interessante: poema + acto!), composto e impresso nas Oficinas Gráficas do "Jornal do Ribatejo", o qual dava cobertura aos artigos de Joel Canhão, de Florindo Custódio, de Carlos Oliveira entre outros sócios ativos do CCS e no qual se publicitavam as atividades organizadas pelo Círculo Cultural Scalabitano. Para António Ramos Rosa “a experiência de *Poemacto*” é onde “a poesia hebertiana sofre uma transformação estrutural, onde o jogo verbal e os exercícios sobre a materialidade da linguagem se tornam então dominantes”**. Quem sabe se foi o ambiente proporcionado pelo [Círculo Cultural Scalabitano](#) que influenciou a afirmação deste grande poeta e que lhe permitiu até encontrar na Emissora Nacional o seu lugar de apresentador de programas, a partir de 1963. Neste período, o Círculo Cultural Scalabitano mantinha um intenso contato com as instituições culturais e musicais de Lisboa, bem como com os grandes nomes da cultura portuguesa ligados ao Centro Nacional de Cultura, à Academia de Música (através da amizade de João de Freitas Branco) e à Fundação Calouste Gulbenkian (Azeredo Perdigão era amigo de Manuel Ginestal Machado, vice-presidente do Círculo Cultural, que apoiava a sua acção cultural,; como exemplo referimos o caso de Joel Canhão que recebeu, em 1960, uma bolsa para estudar a Educação Musical para Crianças, pelo método de Edgar Williems), bem como à Emissora Nacional (onde Joaquim Luís Gomes, maestro da Orquestra Típica foi maestro e compositor da Orquestra Ligeira). Estas ligações eram uma fonte importante de onde vinham os maestros, os professores de teatro, de ballet, de música...Estas relações institucionais e pessoais foram responsáveis pelo desenvolvimento da cultura em Santarém, bem como pela consolidação da consciência política e cultural de uma nova geração de opositores à ditadura de Salazar que culminou na elaboração das listas da oposição democrática de 1969 (e mais tarde em 1973), na qual era cabeça de lista Francisco Lino Neto, nascido em Mação e nessa altura presidente do Centro Nacional de Cultura (certamente relacionado com Sophia de Mello Breyner Andresen e com o seu marido Francisco de Sousa Tavares) e na qual participou Fidalgo Pereira, médico de Santarém, sócio do Círculo Cultural Scalabitano, bem como ator amador da secção de teatro durante toda a década de Sessenta, onde Florindo Custódio era encenador, onde Mário Viegas e Jorge Custódio eram igualmente atores amadores.

Herberto Helder e os poetas já referidos, influenciaram a criação do Bar 4, tertúlia de jovens que desenvolveram uma importante intervenção cultural, colaborando com a UNICEPE, a PRAGMA, o Cineclube de Santarém e o Círculo Cultural Scalabitano e que comemorou há pouco os seus 50 anos, ao qual ainda pertenceram Júlio Pêgo, Silva Pereira, Vítor Pratas, entre outros. Esta foi a geração que, recebendo um importante influxo do ambiente proporcionado pela ação do Círculo Cultural Scalabitano, preparou o terreno cultural e ideológico para a revolução de 25 de abril de 1974.

*Herberto Helder, *Poemacto*, Santarém, 1961. **Cf. *Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. [consult. 2015-03-24 23:27:06]. Disponível na Internet: [http://www.infopedia.pt/\\$herberto-helder](http://www.infopedia.pt/$herberto-helder)

*Helder (Herberto) - *Poemacto*. Contraponto. [Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas do "Jornal do Ribatejo"], 1961.

** Carta de Herberto Helder a Sophia de Mello Breyner Andresen. Fonte: Espólio de Sophia de Mello Breyner Andresen, BNDP.

Poemacto III

[poema que seleccionámos por julgar ser aquele que demonstra a influência do ambiente vivido por Herberto Helder em Santarém].

O ACTOR

O actor acende a boca. Depois, os cabelos.

Finge as suas caras nas poças interiores.

O actor põe e tira a cabeça
de búfalo.

De veado.

De rinoceronte.

Põe flores nos cornos.

Ninguém ama tão desalmadamente
como o actor.

O actor acende os pés e as mãos.

Fala devagar.

Parece que se difunde aos bocados.

Bocado estrela.

Bocado janela para fora.

Outro bocado gruta para dentro.

O actor toma as coisas para deitar fogo
ao pequeno talento humano.

O actor estala como sal queimado.

O que rutila, o que arde destacadamente
na noite, é o actor, com
uma voz pura monotonamente batida
pela solidão universal.

O espantoso actor que tira e coloca
e retira

o adjectivo da coisa, a subtileza

da forma,
e precipita a verdade.
De um lado extrai a maçã com sua
divagação de maçã.
Fabrica peixes mergulhados na própria
labareda de peixes.
Porque o actor está como a maçã.
O actor é um peixe.

Sorri assim o actor contra a face de Deus.
Ornamenta Deus com simplicidades silvestres.
O actor que subtrai Deus de Deus.
e dá velocidade aos lugares aéreos.
Porque o actor é uma astronave que atravessa
a distância de Deus.
Embrulha. Desvela.
O actor diz uma palavra inaudível.
Reduz a humidade e o calor da terra
à confusão dessa palavra.
Recita o livro. Amplifica o livro.
O actor acende o livro.
Levita pelos campos como a dura água do dia.
O actor é tremendo.
Ninguém ama tão rebarbativamente
como o actor.
Como a unidade do actor.

O actor é um advérbio que ramificou
de um substantivo.
E o substantivo retorna e gira,
e o actor é um adjectivo.
É um nome que provém ultimamente
do Nome.
Nome que se murmura em si, e agita,
e enlouquece.
O actor é o grande Nome cheio de holofotes.
O nome que cega.
Que sangra.
Que é o sangue.
Assim o actor levanta o corpo,
enche o corpo com melodia.
Corpo que treme de melodia.
Ninguém ama tão corporalmente como o actor.
Como o corpo do actor.

Porque o talento é transformação.
O actor transforma a própria acção
da transformação.

Solidifica-se. Gaseifica-se. Complica-se.
O actor cresce no seu acto.
Faz crescer o acto.
O actor actifica-se.
É enorme o actor com sua ossada de base,
com suas tantas janelas,
as ruas -
o actor com a emotiva publicidade.
Ninguém ama tão publicamente como o actor.
Como o secreto actor.
Em estado de graça. Em compacto
estado de pureza.
O actor ama em acção de estrela.
Acção de mímica.
O actor é um tenebroso recolhimento
de onde brota a pantomima.
O actor vê aparecer a manhã sobre a cama.
Vê a cobra entre as pernas.
O actor vê fulminantemente
como é puro.
Ninguém ama o teatro essencial como o actor.
Como a essência do amor do actor.
O teatro geral.
O actor em estado geral de graça
Herberto Helder

Poemacto III

O actor acende a boca. Depois, os cabelos.
Finge as suas caras nas poças interiores.
O actor põe e tira a cabeça
de búfalo.
De veado.
De rinoceronte.
Põe flores nos cornos.
Ninguém ama tão desalmadamente
como o actor.
O actor acende os pés e as mãos.
Fala devagar.
Parece que se difunde aos bocados.
Bocado estrela.
Bocado janela para fora.
Outro bocado gruta para dentro.
O actor toma as coisas para deitar fogo
ao pequeno talento humano.
O actor estala como sal queimado.

O que rutila, o que arde destacadamente
na noite, é o actor, com
uma voz pura monotonamente batida
pela solidão universal.
O espantoso actor que tira e coloca
e retira
o adjectivo da coisa, a subtileza
da forma,
e precipita a verdade.
De um lado extrai a maçã com sua
divagação de maçã.
Fabrica peixes mergulhados na própria
labareda de peixes.
Porque o actor está como a maçã.
O actor é um peixe.

Sorri assim o actor contra a face de Deus.
Ornamenta Deus com simplicidades silvestres.
O actor que subtrai Deus de Deus.
e dá velocidade aos lugares aéreos.
Porque o actor é uma astronave que atravessa
a distância de Deus.
Embrulha. Desvela.
O actor diz uma palavra inaudível.
Reduz a humidade e o calor da terra
à confusão dessa palavra.
Recita o livro. Amplifica o livro.
O actor acende o livro.
Levita pelos campos como a dura água do dia.
O actor é tremendo.
Ninguém ama tão rebarbativamente
como o actor.
Como a unidade do actor.

O actor é um advérbio que ramificou
de um substantivo.
E o substantivo retorna e gira,
e o actor é um adjectivo.
É um nome que provém ultimamente
do Nome.
Nome que se murmura em si, e agita,
e enlouquece.
O actor é o grande Nome cheio de holofotes.
O nome que cega.
Que sangra.
Que é o sangue.
Assim o actor levanta o corpo,
enche o corpo com melodia.
Corpo que treme de melodia.
Ninguém ama tão corporalmente como o actor.
Como o corpo do actor.

Porque o talento é transformação.
O actor transforma a própria acção
da transformação.
Solidifica-se. Gaseifica-se. Complica-se.
O actor cresce no seu acto.
Faz crescer o acto.
O actor actifica-se.
É enorme o actor com sua ossada de base,
com suas tantas janelas,
as ruas -
o actor com a emotiva publicidade.
Ninguém ama tão publicamente como o actor.
Como o secreto actor.

Em estado de graça. Em compacto
estado de pureza.
O actor ama em acção de estrela.
Acção de mímica.
O actor é um tenebroso recolhimento
de onde brota a pantomima.
O actor vê aparecer a manhã sobre a cama.
Vê a cobra entre as pernas.
O actor vê fulminantemente
como é puro.
Ninguém ama o teatro essencial como o actor.
Como a essência do amor do actor.
O teatro geral.

O actor em estado geral de graça.

Herberto Helder

Poemacto II

Poemacto II, Herberto Helder, poema..

Minha cabeça estremece com todo o esquecimento.
Eu procuro dizer como tudo é outra coisa.
Falo, penso.
Sonho sobre os tremendos ossos dos pés.
É sempre outra coisa,
uma só coisa coberta de nomes.
E a morte passa de boca em boca com a leve saliva,
com o terror que há sempre
no fundo informulado de uma vida.
Sei que os campos imaginam as suas próprias rosas.
As pessoas imaginam os seus próprios campos de rosas.
E às vezes estou na frente dos campos
como se morresse;
outras, como se agora somente eu pudesse acordar.

Por vezes tudo se ilumina.
Por vezes sangra e canta.
Eu digo que ninguém se perdoa no tempo.
Que a loucura tem espinhos como uma garganta.
Eu digo: roda ao longe o outono,
e o que é o outono?
As pálpebras batem contra o grande dia masculino do pensamento.

Deito coisas vivas e mortas no espírito da obra.
Minha vida extasia-se como uma câmara de tochas.

- Era uma casa - como direi? - absoluta.

Eu jogo, eu juro.
Era uma casinfância.
Sei como era uma casa louca.
Eu metia as mãos na água: adormecia,
relembra.
Os espelhos rachavam-se contra a nossa mocidade.

Apalpo agora o girar das brutais,
líricas rodas da vida.
Há no esquecimento, ou na lembrança total das coisas,
uma rosa como uma alta cabeça,
um peixe como um movimento rápido e severo.
Uma rosapeixe dentro da minha ideia desvaída.
Há copos, garfos inebriados dentro de mim.
- Porque o amor das coisas no seu tempo futuro
é terrivelmente profundo, é suave,
devastador.

As cadeiras ardiam nos lugares.
Minhas irmãs habitavam ao cimo do movimento
como seres pasmados.
Às vezes riam alto. Teciam-se
em seu escuro terrífico.
A menstruação sonhava podre dentro delas,
à boca da noite.
Cantava muito baixo.
Parecia fluir.
Rodear as mesas, as penumbras fulminadas.
Chovia nas noites terrestres.
Eu quero gritar parálem da loucura terrestre.
--- Era húmido, destilado, inspirado.

Havia rigor. Oh, exemplo extremo.
Havia uma essência de oficina.
Uma matéria sensacional no segredo das fruteiras,
com as suas maçãs centrípetas
e as uvas pendidas sobre a maturidade.
Havia a magnólia quente de um gato.

Gato que entrava pelas mãos, ou magnólia
que saía da mão para o rosto da mãe sombriamente pura.
Ah, mãe louca à volta, sentadamente completa.
As mãos tocavam por cima do ardor
a carne como um pedaço extasiado.

Era uma casabsoluta - como direi? -
um sentimento onde algumas pessoas morreriam.
Demência para sorrir elevadamente.
Ter amoras, folhas verdes, espinhos
com pequena treva por todos os cantos.
Nome no espírito como uma rosapeixe.

- Prefiro enlouquecer nos corredores arqueados
agora nas palavras.
Prefiro cantar nas varandas interiores.
Porque havia escadas e mulheres que paravam
minadas de inteligência.
O corpo sem rosáceas, a linguagem para amar e ruminar.
O leite cantante.

Eu agora mergulho e ascendo como um copo.
Trago para cima essa imagem de água interna.
- Caneta do poema dissolvida no sentido primacial do poema.
Ou o poema subindo pela caneta,
atravessando seu próprio impulso,
poema regressando.
Tudo se levanta como um cravo,
uma faca levantada.
Tudo morre o seu nome noutra nome.

Poema não saindo do poder da loucura.
Poema como base inconcreta de criação.
Ah, pensar com delicadeza,
imaginar com ferocidade.
Porque eu sou uma vida com furibunda melancolia,
com furibunda concepção.
Com alguma ironia furibunda.

Sou uma devastação inteligente.
Com malmequeres fabulosos.
Ouro por cima.
A madrugada ou a noite triste tocadas
em trompete.
Sou alguma coisa audível, sensível.
Um movimento.
Cadeira congeminando-se na bacia,
feita o sentar-se.
Ou flores bebendo a jarra.
O silêncio estrutural das flores.
E a mesa por baixo.
A sonhar.